

Luciano Jorge de Jesus

**Imagens do jornal *Minas Geraes*:
Fragmentos sobre e para a educação do
corpo (1906-1933)**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia ocupacional

2010

Luciano Jorge de Jesus

**Imagens do jornal *Minas Geraes*: Fragmentos sobre e para a
educação do corpo (1906-1933)**

Monografia apresentada à disciplina
Seminário de trabalho de conclusão de curso

Orientadora:

profa. Dra. Andrea Moreno – FaE-UFMG

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia ocupacional

2010

Folha de aprovação

Autor: Luciano Jorge de Jesus

Numero de matrícula: 2006011205

Título: Imagens do jornal *Minas Geraes*: Fragmentos sobre e para a educação do corpo (1906-1933)

Orientadora: Andrea Moreno

Obtenção parcial para obtenção do título de licenciatura

Sumário

Resumo.....	05
Agradecimentos.....	06
Introdução.....	08
Capítulo 1: Apresentando o jornal <i>Minas Geraes</i>.....	12
Capítulo 2: Delineamentos teórico-metodológicos.....	23
Capítulo 3: narrativas para a educação do corpo na escola. Múltiplas possibilidades.....	37
Conclusão.....	47
Referências Bibliográficas.....	48

Resumo

O presente trabalho tem por intenção investigar o modo como o diário oficial do estado de Minas Gerais entre os anos 1906 e 1933, veiculou em suas páginas idéias para uma educação do corpo e dos sentidos no espaço escolar. É possível perceber em suas páginas uma vasta documentação sobre os programas de ensino, trabalhos manuais, o canto, o esporte, etc. Não é demais lembrar que no período analisado Belo Horizonte passa por profundas mudanças estruturais, culturais e sociais em que os corpos sejam educados para adquirir novas sensibilidades para ocupar a nova capital do Estado.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Daniel e Terezinha pelo amor, apoio incondicional, e por todas as lições sobre o mundo que aprendi com eles. Não posso esquecer-me de minhas meninas, Grazielle e Ana Carolina (irmãs queridas, que acham que tem um irmão inteligente!) e a Letícia (afilhada e sobrinha divertidamente inteligente).

Agradeço também a Jacqueline, minha amada, parceira, amiga... existe uma parte sua nesse trabalho.

Não poderia esquecer os meus camaradas que contribuíram com a minha formação humana. Os amigos de infância que faziam um brinde e se sentiam orgulhosos por ter “um amigo na UFMG”, esse trabalho é um pouco de vocês!!

Agradeço aos meus primos e primas pela confiança, pela sensibilidade quando perguntavam aos meus pais “ué aonde tá o Lu que não veio hoje?? Deve estar estudando né?”

Agradeço aos meus camaradas do pé-de-cachorro (uma lição subversiva!) Me reconheci como, professor, como homem e como cidadão ao fazer parte de uma história que precisa ser contada!! Agradeço aos vários amigos de D.A, Movimento estudantil e outros colegas que contribuíram com isso.

Agradeço ao CEMEF, principalmente ao Tatá, Meily, Maria Cristina, Carol. Não posso deixar de agradecer a Verona pelas leituras críticas dos trabalhos que já fiz e pelo carinho, à Gyna pela força, conselhos e camaradagem, à Anna Luiza pelas boas risadas pelos corredores da UFMG e pela resenha super agradável.

Aos professores que de algum modo contribuíram muito para minha formação: Ronaldo Rezende, Wemerson, Zé Alfredo, José Angelo, Marcus Taborda, Marcus Vinícius, Luciano Mendes, Monica Yumi, Alexandre Vaz, Carmen Lúcia Soares, Silvio, Helder, Justino, Joelcio.

Agradeço também a pessoa que me inspirou constantemente em durante minha formação: minha queridíssima orientadora Andrea Moreno, pelo carinho, pelo

olhar criterioso, pelas conversas francas e amigáveis e pelo acolhimento, pelos elogios e pelas críticas.

Agradeço a todos que contribuíram com esse trabalho!!

Introdução

O presente trabalho se inscreve em um momento importante de minha trajetória acadêmica. Chegando ao curso de Educação Física, repleto de dúvidas e questionamentos, presenciando falas inspiradoras e também equivocadas, sentia a necessidade de conhecer a universidade – e também o curso de Educação Física – em toda a sua complexidade.

Uma das primeiras pistas que encontrei foi ainda no primeiro período, no ano de 2006, durante a disciplina “História da Educação Física” ministrada pelo professor Tarcísio Mauro Vago. Essa disciplina despertava-me algumas inquietações: “o que tem a ver a Educação Física com a História?”, ou ainda “como nunca pensamos nessa possibilidade pensar a Educação Física?”. Em uma dessas aulas, em que a professora Andrea Moreno foi convidada para falar sobre o enraizamento das práticas corporais no Rio de Janeiro percebi como esse tema encantava-me, como poderia se constituir num modo interessante de pensar a Educação Física. Sai daquela aula com uma certeza: gostaria de ter a chance de construir meus questionamentos sobre as práticas corporais e seguir minha trajetória acadêmica tendo como eixo essa temática teórico-metodológica.

Assim, ainda no primeiro período comecei a freqüentar as reuniões do Grupo de História da Educação Física da UFMG – o Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer o CEMEF¹. Nessa movimentação me integrei no primeiro projeto de pesquisa do grupo ainda no ano de 2006 “*A educação do corpo nos espaços de sociabilidade do urbano: investigação sobre os investimentos no corpo em Belo Horizonte (1891-1930)*”, nesse programa teve-se a intenção de compreender como, na cidade pensada e vivida como vitrine da república pretendeu-se conformar um processo educacional sobre o corpo. Buscando considerar a singularidade de diferentes práticas educativas para o corpo, foi

¹ O CEMEF se constitui em um espaço de duplo movimento, como um espaço de salvaguarda de documentos referentes à história da Escola de Educação Física e também um local pensado para a sistematização de pesquisas sobre a história das práticas corporais. É composto por alguns graduandos, pós-graduandos e professores do curso de Educação Física.

necessária a investigação dos sujeitos envolvidos em tais práticas e sua inscrição na cultura. Nesse empreendimento foi possível realizar uma série de questões: qual o modo os sujeitos em diferentes momentos da história se apropriaram de novos códigos sociais? Quais as movimentações de subversão e resistência foram percebidas?

Recorreu-se nessa ação a diversos tipos documentais que nos ajudassem a responder essas e outras perguntas: jornais, revistas, fotografias, relatórios de ensino, processos criminais etc. Com esses fragmentos representativos da cidade de Belo Horizonte foi possível perceber diferentes facetas do nosso objeto.

Como desdobramento do programa de pesquisa citado acima desenvolveu-se o projeto de pesquisa “Sentidos e sensibilidades: a educação do corpo na Escola Normal Modelo da Capital (Belo Horizonte, 1906-1930)”², em que se pretende aprofundar os questionamentos apresentados na primeira frente de trabalho.

Esse projeto tem por objetivo analisar como, ao longo do período histórico analisado, conformou-se um processo educacional sobre e para o corpo, desenvolvendo práticas próprias, a partir de diferentes saberes, no âmbito de uma instituição voltada para a formação de professores que atuariam no ensino primário. Ou seja, em um espaço de sociabilidade construído especificamente para aquele fim, construíram-se tempos, saberes e práticas que regulamentavam e conformavam um conjunto de práticas para a constituição de uma *Educação Physica*³.

Nesse projeto defendemos o entendimento de que a educação do corpo e das sensibilidades pode ser percebida em uma dupla movimentação que se completam: a primeira diz sobre os saberes necessários para a formação de futuros professores; outra diz respeito à necessidade de se conformar uma corporalidade adequada a estes como cidadãos. Com isso, nos atentamos às diversas práticas, no âmbito da

² Esse projeto é coordenado pela professora Andrea Moreno, sendo financiado pela FAPEMIG e se encontra em fase de conclusão, previsto para o fim de 2010.

³ Esse termo está não ligado ao ensino de uma cadeira específica, mas na forma como anuncia Vago (1999): “(...)ele aparece como integrante de uma tríade – *educação moral, physica e intellectual*. O sentido parece ser bem mais amplo: o de uma educação do corpo articulada aos preceitos morais e aos valores intelectuais que se pretendia impor aos futuros professores e professoras das escolas primárias.” (p.35)

Escola Normal Modelo da Capital, que foram pensadas para a afirmação de uma pedagogia sobre o corpo. Pensando nesses argumentos algumas perguntas são necessárias: quais estratégias foram produzidas para educar o corpo na nova configuração escolar que se desenhava? Quais as tensões percebidas na configuração dessa forma de se educar o corpo? Como os diferentes sujeitos se apropriam dos novos códigos sociais, especificamente, a educação do corpo?

Para tal empreendimento investigamos diversos registros sobre essa instituição em suas várias possibilidades documentais: jornais, revistas, relatórios da secretaria do interior, legislações etc.

No que se refere ao recorte temporal do trabalho – 1906 a 1930 – esse se justifica pelo marco inicial configurar-se como o ano de criação da Escola Normal Modelo e o ano de 1930 pela reconfiguração do ensino no Estado de Minas Gerais (um exemplo disso é a criação da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte em 1929). Ainda sobre o recorte temporal é importante lembrar que esse compreende os primeiros anos de um estado federativo e republicano brasileiro. O recorte também tem como marco os primeiros da cidade de Belo Horizonte, momento em que a capital passava por profundas transformações em seu espaço físico e social. Com isso se torna necessário a construção de novos espaços físicos e arquitetônicos e os corpos que ocuparão esses espaços serão educados para portar novas sensibilidades.

Como bolsista de iniciação científica vinculado a esse projeto⁴, responsabilizei-me pelo garimpo de fontes no *Jornal Minas Geraes*⁵, buscando em suas páginas “notas” e notícias que nos ajudassem a responder as questões colocadas pelo nosso projeto de pesquisa. Focamos, principalmente, as notícias referentes à Escola Normal Modelo da Capital, aos grupos escolares da capital e os textos relativos à *educação physica*. O *corpus* documental encontrado contribuiu efetivamente para a construção de narrativas sobre essa instituição de ensino.

⁴ Lembro que nesse momento estou vinculado a dois grupos de pesquisa: o CEMEF – Centro de Memória da Educação Física do esporte e do Lazer e o GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação da Faculdade de Educação. Ambos os grupos pertencentes à Universidade Federal de Minas Gerais.

⁵ Mais adiante deterei-me melhor sobre esse periódico.

Particularmente possibilitou-me, a mim, como pesquisador de iniciação científica, ao deter-me de forma “exclusiva” nesse periódico, a construção de uma narrativa tendo O *Minas Geraes* como fonte e objeto de investigação.⁶

Dessa forma, a partir dessa trajetória de pesquisa, construí o recorte temático desse trabalho: a análise do periódico oficial do Estado de Minas Gerais, buscando investigar quais as “imagens”⁷ sobre a educação do corpo nos espaços escolares são apresentadas em suas páginas. Nesse movimento, foi preciso atentar-se para a pluralidade de possibilidades de se educar o corpo na escola, assim como as várias vozes que buscavam legitimar-se nesse espaço.

Algumas questões problematizadoras foram desenhadas: como a educação do corpo e dos sentidos eram percebidas, debatidas e defendidas no periódico que tinha uma visibilidade considerável no estado de Minas Gerais? Quais os sujeitos se interessaram por esse debate? Quais os temas foram privilegiados pelos autores? Quais os rompimentos e permanências nos discursos estão presentes no periódico no recorte proposto?

Ao mergulhar no jornal *Minas Geraes*, de forma mais atenta às questões colocadas pela pesquisa, percebi em suas páginas várias possibilidades de leitura sobre o tema. As notícias sobre alguns eventos que ocorriam nos principais estabelecimentos de ensino do estado (com um foco nos grupos escolares da capital, sugerindo mais uma possibilidade em se propagar as realizações do estado referentes à educação) era uma possibilidade. Os textos que buscavam sugerir a melhor forma de se educar o corpo: a música, os trabalhos manuais, o esporte a ginástica era ainda um outro modo de leitura. Escutar alguns autores que de algum modo estavam envolvidos com as práticas escolares nos principais estabelecimentos de ensino do Estado era ainda outro. Nada foi descartado.

⁶ Ainda no envolvimento com as fontes percebi que seria possível pensar um problema de pesquisa que levasse em consideração a educação do corpo em todos os espaços de sociabilidade na cidade de Belo Horizonte e que eram veiculadas nas páginas desse jornal. Um exemplo da potencialidade desse jornal para contar dessa história estão a sessão “festas e divertimentos” e as variadas notícias sobre a realização de algumas atividades de divertimento na cidade de Belo Horizonte. Contudo, o limite de tempo e o excesso de fontes sobre esse tema tornaram inviável essa escolha.

⁷ Digo “imagem”, dando a isso um sentido mais amplo de representação, de construção de idéias.

O recorte temporal eleito nesse trabalho se justifica primeiramente por ele estar inscrito em um programa de pesquisa, como já explicado, que tem essa periodização como margem. O presente trabalho configura-se como mais um desdobramento desse programa e procura contribuir para os debates sobre a educação do corpo nos espaços de sociabilidade de Belo Horizonte em seus primeiros anos de existência. Quanto ao recorte final, elegeu-se o ano de 1933, por perceber, no contato com as fontes, que este ano ainda é potencial para “ler” sobre a problemática de pesquisa anunciada.

Realizado essa incursão inicial, é importante lembrar que esse trabalho se configura como um esforço, individual e coletivo, vinculado a projetos e grupos de pesquisas que buscam sistematizar a investigação sobre a História da Educação Física e a História da Educação.

Capítulo 1: Apresentando o jornal *Minas Geraes*

Para que seja possível a construção de uma narrativa para a educação do corpo presente no jornal *Minas Geraes*⁸ é necessário primeiramente apresentar algumas questões: o que justifica estudar esse periódico? Qual a importância do jornal para na investigação das práticas escolares? Sua presença contribuiu para a veiculação das questões relativas à educação do corpo e dos sentidos nas escolas do estado? Porque ter como objeto e fonte de pesquisa esse jornal e não outros que também se encontravam em circulação naquele momento? Qual a importância do jornal *Minas Geraes* para esse intuito?

A primeira argumentação para debruçarmos sobre esse periódico é o fato do *Minas Geraes* ser um órgão oficial do Estado sendo impresso pela imprensa oficial do estado de Minas Gerais⁹. O periódico “nasce” republicano e é um representante

⁸ Para que não haja confusão, fiz a preferência em mudar a partir de agora a grafia do nome do jornal por perceber que essa grafia carrega alguns sentidos e significados.

⁹ Nas palavras de MORENO e SEGANTINI: A Imprensa Oficial, criada em novembro de 1891 caracterizando-se “(...) como um órgão de publicidade oficial, destinada à publicação dos atos do

do estado responsável em difundir em suas páginas os valores ligados a racionalidade e a civilidade ideais que os cidadãos republicanos deveriam adquirir.

Outra justificativa que deve ser levada em consideração é a relevância que este tem para o campo da Educação, constituindo-se como um local de veiculação de notícias, de interlocução, de debates. Para nosso objeto de pesquisa, foi potencial o fato do jornal veicular em suas páginas os programas de ensino, os regulamentos internos de algumas instituições, as notas referentes aos salários de professores, entre outras questões.

Outro argumento a ser incorporado para justificar o importância em se investigar o *Minas Geraes* é o fato desse apresentar várias publicações que ajudam a perceber uma representação sobre o modo como a educação do corpo e dos sentidos deveriam ser organizadas nas escolas do estado de Minas Gerais, seja na organização das diversas cadeiras pensada para esse fim – o canto, os trabalhos manuais, os esportes – na veiculação das diversas festividades e cerimônias escolares, ou ainda nas pistas encontradas nos regimentos internos e programas de ensino.

É importante salientar que ao contrário do que podemos perceber em outros periódicos que circulavam na capital de Belo Horizonte e que encontravam grandes dificuldades na manutenção de suas publicações¹⁰, o *Minas Geraes* obteve uma circulação contínua no período analisado. Sugerindo, com isso, uma perspectiva econômica considerável por parte do jornal e a existência de um público interessado nas notícias veiculadas em suas páginas. A divulgação de concursos para provimento de cadeiras de algumas instituições de ensino no estado¹¹, a circulação

governo, debate das duas câmaras do Congresso Mineiro e expediente da administração pública, inclusive opúsculos e livros para escolas públicas do Estado (...)" (MORENO e SEGANTINI *apud* Minas Gerais, Caderno Comemorativo da Abertura do Ano do Centenário da Imprensa Oficial. 4 de Janeiro de 1991, p.2)

¹⁰ Exemplos da efemeridade dos periódicos mineiros no fim do século XIX e início do XX, podem ser encontradas em Ribeiro (2008) e Costa (2005).

¹¹ Minas Geraes. Editaes e Avisos. Escola Normal Modelo. Concurso para cadeira de Pedagogia e Higiene. 29 de Março de 1917. p. 12-13

de textos destinados aos professores dos grupos escolares¹², entre outros assuntos podem ser vistas como estratégias importantes para garantir um público de leitores. Percebemos a existência de textos e notícias pensados para um público específico de leitores e uma expressiva circulação do jornal pelo estado de Minas Gerais¹³.

Nas justificativas citadas é possível perceber a pertinência na investigação sobre a educação do corpo e dos sentidos na escola presente no jornal *Minas Geraes*, pois além de verificar a sua considerável circulação, esse pode ser pensado como um importante espaço para os debates que esse trabalho propõe a realizar.

Sobre a materialidade do *Minas Geraes*

A forma como um periódico é organizado em seu interior (artigos, seções, número de tiragens, qualidade de impressão, etc), os aspectos referentes à sua publicação, os sujeitos envolvidos em sua construção podem nos apresentar alguns indícios relativos ao lugar social do jornal, nas palavras de Tânia Regina de Luca (2006) ao realizarmos essa análise, devemos ter em vista:

“[...] que a grande variação na aparência, imediatamente apreensível pelo olhar diacrônico, resulta da interação entre métodos de impressão disponíveis num dado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos.” (p. 132)

É importante salientar esse ponto, pois, um jornal operário e um periódico de grande circulação, por exemplo, não possuem os mesmos meios técnicos de confecções. Também não apresentam o mesmo corpo editorial sugerindo diferenças significativas na organização da *forma* e do *conteúdo* desses jornais. Ou seja, além da possibilidade de se apresentar discursos completamente diferentes, o modo como um periódico é organizado (tiragem, qualidade de impressão e do papel, presença de fotografias, número de publicações semanais, etc), o público ao qual se destinam os textos, sugerem assim, diferentes funções sociais.

¹² Minas Geraes. Pelo Ensino. O Recreio. 12 de Março de 1933. p. 09

¹³ Ainda que não tenhamos dados quantitativos sobre sua circulação, sabemos que o jornal era distribuído em todas as repartições públicas e estabelecimentos de ensino.

Pensando que os aspectos que envolvem a materialidade não são naturais (de Luca, 2006), (Chartier, 2007)¹⁴ penso que a primeira questão observada é o modo como o jornal *Minas Geraes* foi impresso no período analisado. Esse periódico utilizava em suas gráficas a máquina rotativa Marinoni, que segundo alguns pesquisadores da história da imprensa (GUIMARÃES, 2002; MADIO, 2007) era responsável por um processo de impressão eficiente e uma tiragem¹⁵ expressiva. Eis uma pista importante, pois, podemos inferir que o órgão responsável pela impressão do jornal *Minas Geraes* (o Estado) tinha condições econômicas de obter tecnologias visando um aumento na visibilidade de suas publicações, além da ampliação no número de leitores do jornal, que diga-se não estavam só em Belo Horizonte, mas em todo o estado de Minas Gerais.

Ainda no que se refere à circulação do jornal, além de ser realizada nos estabelecimentos públicos de todo o Estado, tinha a sua comercialização ampliada na venda avulsa de publicações diárias e nas assinaturas¹⁶. O que implica que seus leitores não se restringiam aos membros pertencentes aos diversos espaços públicos, mas também aos sujeitos que estavam fora dessa esfera.

Enquanto outros jornais tinham sua periodicidade limitada a publicações semanais, o *Minas Geraes* era publicado durante seis dias da semana, tendo as edições de segunda e terça-feira apresentadas em um único número. Os dados sobre essa circulação reforçam uma possível representatividade do periódico em relação aos demais que circulavam nesse momento. Existem fortes indícios de que o jornal circulava pelos estabelecimentos públicos do estado: escolas¹⁷, repartições públicas etc.

¹⁴ Mesmo sabendo que Roger Chartier refere-se à materialidade do livro, penso que podemos tomar as perguntas realizadas por ele para o jornal, pois o vislumbrando como um impresso é possível perceber algumas semelhanças em seu processo de fabricação e circulação.

¹⁵ O jornal *Minas Geraes* não anunciava o número de tiragens impressas diariamente em sua gráfica, apesar da tecnologia utilizada expressar essa possibilidade.

¹⁶ Em todas as edições diárias do Jornal *Minas Geraes*, nota-se em sua primeira página o preço da venda avulsa, do número do dia ou da edição do dia anterior, e o preço da assinatura semestral e anual. Não foi possível detectar o número provável de leitores e assinaturas.

¹⁷ A sua circulação em algumas escolas do estado foi reforçada no momento em que encontramos vários recortes do jornal em cadernos presentes no Instituto de Educação de Minas Gerais (instituição

Nota-se que houve, ao longo do período analisado, uma mudança significativa na organização interna do jornal, pelo aumento de suas colunas e seções, fato que tem como consequência um aumento significativo de suas páginas. Nessas alterações é possível perceber que algumas seções obtiveram uma regularidade em sua publicação: é o caso das seções de “telegrammas” e “editaes e avisos”. A primeira era destinada para publicação de correspondências vindas geralmente do Rio de Janeiro e São Paulo. Aqui, há uma preocupação maior em fazer circular notícias de diversos lugares do Brasil. A segunda seção era reservada para publicação de editais de concursos e realização de avaliações de alguns estabelecimentos de ensino no estado, focando, dessa forma, um público mais de Minas Gerais.

As seções dedicadas ao ensino¹⁸ também estão presentes no periódico, apresentando o interesse do estado em propagar as questões relativas ao ensino e em dar visibilidade a este tema no jornal. Nessa seção destacam-se principalmente as publicações sobre eventos realizados nos principais estabelecimentos de ensino de Belo Horizonte: solenidades de formatura e festividades, discursos de professores, realização de avaliações, havendo o interesse em se publicar as realizações das instituições de ensino e apresentar aos seus leitores o sucesso de um dado modelo escolar. A eleição dos textos e a sua organização em seções específicas, dão a entender a existência de uma intencionalidade dos editores em veicular uma representação para a educação. A aparente valorização dispensada à educação no periódico é reforçada com a presença de textos publicados sobre as diversas questões que permeiam esse debate¹⁹. Esses escritos que eram publicados

posterior à Escola Normal Modelo da Capital). A presença do diário oficial do estado nos estabelecimentos públicos do estado ainda é realizada nos dias atuais.

¹⁸ Essas seções sofreram algumas mudanças em seus títulos, mas sempre estiveram presentes. Eram as seções: “ensino primario”; “ensino secundario”; “ensino superior”, em um dado momento as notas reservadas para o ensino se localizavam na coluna “Pelo ensino”.

¹⁹ Além dos textos que levam em consideração a educação do corpo e dos sentidos na escola, percebemos a presença de textos sobre a organização do ensino normal, o analfabetismo no país, museus escolares dentre outros temas.

com regularidade e eram de autoria de professores, médicos, pedagogos e escritores²⁰.

Textos de outras naturezas também eram publicados no periódico. Dentre os temas encontrados além da educação, percebemos uma grande diversidade temática como a economia e a política que poderiam ser encontrados também em outras línguas, principalmente o francês²¹. Havia também a publicação de textos sobre os principais acontecimentos no mundo, contudo não é possível apontar se esses textos eram escritos por correspondentes, ou textos transcritos de outros jornais já que não havia identificação sobre o autor do texto ou qual era a procedência dos escritos.

A presença de fotografias encontra-se restritas à edições comemorativas, ou ainda à edições suplementares do jornal, retratando geralmente as principais figuras políticas de Minas Gerais e do país, além dos edifícios estatais: estabelecimento de ensino que acabavam de ser construídos e outros edifícios públicos. Curiosamente, a presença das fotografias está restrita a promoção das realizações do estado²² e dos membros que o ocupam, insinuando os interesses de seus redatores: a afirmação de um ideal republicano.

Outro ponto que deve ser comentado sobre a materialidade do jornal *Minas Geraes* refere-se à escassa presença (ou seria melhor dizer “restrição”?) da publicidade comercial. Esta era veiculada apenas na última página, juntamente com os avisos sobre a realização de cursos preparatórios. A localização em que se encontram as publicidades pode apresentar alguns apontamentos: o interesse em relação a esse tema era secundarizado pelo fato do periódico não pensar nessa possibilidade aliada a sua função social.

²⁰ Um exemplo entre os autores dessas publicações é o inspetor escolar Estevão de Oliveira que constrói um longo debate sobre o ensino normal em Minas Gerais. É importante esclarecer que os textos publicados são de autoria de sujeitos pertencentes aos estabelecimentos de ensino da capital e ratificando a função desses como “exportadores” de saberes para os demais espaços do estado.

²¹ Minas Geraes. L'industrie à Minas. Maio de 1908. p. 03 esse texto foi transcrito do jornal *Courrier Du Brésil*.

²² Exemplo disso é a nota: A obra educacional que realiza o governo do dia 29,30 de Abril 1929. P. 14.

As realizações do Estado em seus diversos poderes também era publicada nas páginas do *Minas Geraes*, já que tornar público essas questões intencionava, além do interesse publicitário do governo, ressaltar o sucesso da república em seus diversos espaços sociais.

Toda essa organização de suas páginas, a presença de textos em outras línguas, seções específicas para determinados temas, nos mostram a existência de uma racionalidade na construção do jornal, a qual remete a um modo de leitura do impresso. Entretanto, bem sabemos que esse “convite”, não necessariamente encerra ou limita a ação do leitor, conforme nos alerta Chartier (1990, p. 123), uma vez que nenhuma leitura é realizada com uma submissão mecânica ao texto, ou conforme o próprio autor sugere:

“[...] Os textos não são depositados nos objectos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole. Considerar a leitura como acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais – chamemos-lhes ‘tipográficos’ no caso do texto impressos – que são os seus. [...]” (p. 25-26)

Obviamente não tenho a intenção de investigar leitores e as práticas de leituras presentes no jornal *Minas Geraes*, por escolher como recorte essa única categoria de fonte, ou por aguçar o olhar em veículo importante. Contudo, ter noção das múltiplas possibilidades da apropriação dos textos por parte dos leitores parece-me algo importante de se destacar.

Os Sujeitos

O jornal não informa em suas páginas quem são os personagens responsáveis pela sua organização e publicação (estão ausentes os nomes dos editores e redatores). O que aparece com uma frequência pequena, em publicações

especiais e em algumas notas²³, são os nomes de alguns diretores da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, órgão responsável pela sua impressão. Encontram-se ausente no jornal o seu editorial e uma seção de cartas tornando impossível perceber quais são as impressões dos leitores sobre o seu conteúdo.

Essas ausências sugerem a busca por uma isenção, ou a configuração de um espaço “neutro”, preocupado apenas em divulgar os fatos realizados e as principais obras do estado. Um estado sem rosto? Talvez seja dedutível perceber essa ausência de nomes como um “posicionamento”²⁴.

O impresso como fonte

Ao pensar no impresso como fonte estamos levando em consideração seus limites e possibilidades na construção de narrativas em conjunto com as fontes de outra natureza – relatórios, boletins, a legislação etc. É notória a importância da história cultural para pensarmos outros temas anteriormente “esquecidos”, conforme nos lembra Tânia de Luca (2006):

“A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim, uma miríade de questões antes ausentes do território da História.” (p. 113)

Entendo que o impresso torna-se uma fonte potencial para essas novas temáticas. Primeiro pelo fato destes poderem ser percebidos, tratados e interrogados, agora, de forma mais ampla. Supera-se uma idéia de que os jornais são apenas documentos portadores de “verdades” ou “fatos”, ou também como um

²³ Um dos únicos nomes ligados a imprensa oficial que aparecem em alguma nota do jornal *Minas Geraes* é de Mario de Lima, durante a solenidade de entrega de diplomas na escola norma modelo. Minas Geraes. 21 e 22 de Julho de 1919. Ensino Secundario. Escola Normal Modelo. p. 03

²⁴ Esse espaço não era tão neutro quanto se sugere. Existia um espaço reservado para as reuniões do partido republicano mineiro.

documento que reflete pensamentos subalternos a uma infra-estrutura econômica²⁵. Com a renovação teórica e metodológica advinda da História Cultural, outra configuração do olhar sobre o impresso como fonte redimensiona esse pensamento. Configura-se a possibilidade de um olhar político e cultural, na medida em que o jornal passa a ser considerado como um espaço onde atores sociais expressam seus discursos²⁶.

Levando em consideração essa discussão, buscamos perceber como o impresso foi sendo tratado como fonte em diversos trabalhos que tangem a temática desse trabalho.

Para a construção de uma narrativa sobre enraizamento das práticas corporais em Belo Horizonte, Rodrigues (2006) recorre também aos impressos para apresentar quais as representações se encontravam presentes nesses jornais e revistas sobre os divertimentos, os esportes e os espaços de sociabilidades em que elas eram construídas. É interessante perceber os múltiplos discursos sobre os espaços de sociabilidades legitimados para as práticas corporais, assim como quais os locais e práticas não eram mais legítimos na nova capital de Belo Horizonte.

Recorrendo ainda ao impresso, Silvana Goellner (2003) propõe a análise da imagem da mulher na revista *Educação Physica*²⁷ entre os anos de 1932 e 1945, período esse em que o país passava por um reordenamento político-social, na instauração de um novo modelo político, mas também na busca em se concretizar a afirmação de um campo específico das práticas corporais e dos esportes no país. A revista publica em suas páginas modos de se perceber e educar o corpo, as suas diversas imagens, práticas corporais legitimadas e desprezadas pelos editores dessa revista, buscando construir uma imagem ideal para a mulher.

Levando em consideração o enraizamento do futebol na cidade Belo Horizonte, Ribeiro (2007) também recorre a vários modelos de impresso: jornais

²⁵ MOREL e BARROS (2003)

²⁶ Idem.

²⁷ A revista *Educação Physica*, um periódico específico da área, foi criada por um grupo de professores na década de 1930.

particulares e estatais, revistas de variedade e especializadas na temática, para perceber as contribuições da imprensa escrita na constituição desse campo esportivo. Nas páginas dos jornais e revistas é possível perceber notícias sobre a organização e realização de jogos na cidade, a contribuição dos impressos para circulação de informações sobre o futebol e ainda múltiplas observações sobre uma prática corporal que buscava se afirmar em uma nova capital.

Luciano Mendes de Faria Filho (s/d) nos mostra outras percepções a partir de suas investigações sobre os jornais mineiros do século XIX. Em sua leitura é possível ter um “retrato em preto e branco” da realidade mineira nesse período histórico. O jornal nesse momento parece ter uma função importante, conforme o autor anuncia:

“[...] o jornal foi visto como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. Sobretudo, os jornais foram vistos como importante estratégia educativa.”

Percepções sobre a cidade, imagens sobre o corpo, a relação das práticas corporais, seus sujeitos e o espaço urbano, o impresso percebido como possibilidade educativa... Diferentes respostas para perguntas semelhantes: ao recorrer ao impresso como fonte de nossos problemas, quais as representações do cotidiano são compreendidas? Quais os atores e seus discursos são possíveis de se apreender nessa dinâmica? É certo que não obstante ao tema, essas perguntas podem se encontrar.

Contudo, não se deve esquecer que o impresso é mais uma categoria de fontes e sua construção não é inócua. A organização do conteúdo (por exemplo, a eleição ou rejeição de temas, em qual página determinadas notícias ou notas serão veiculadas), e os discursos encontrados nos impressos não são em nenhum momento neutros, ao contrário são permeados por sentidos e significados, ou como lembra Roger Chartier (1990):

“As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para

os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.” (p.16-17)

Nesse entendimento, conforme nos lembra Le Goff (1984), percebe-se, cada vez mais, na escrita da história, uma variedade bastante significativa de fontes – e particularmente os impressos - que podem ser acionadas pelo pesquisador. Várias categorias de impressos encontrados – revistas particulares, diários oficiais, jornais operários - são complexas e necessitam de um cuidado, precisam ser interrogadas. O cuidado com o encantamento nessa variedade deve ser perseguido, pois, conforme Le Goff pondera:

“[...]O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite à memória colectiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.” (p. 102)

O cruzamento de fontes de diversas naturezas nos ajuda a perceber o desencontro de discursos dos atores sociais envolvidos e a quebrar uma possível linearidade e isenção de contradições nesse processo (Lopes e Galvão, 2005 p. 96). À luz desse debate, ao observarmos os jornais, devemos perceber que a organização material e os discursos encontrados em seu interior são realizados por determinados grupos sociais, que observam a realidade a partir de seus entendimentos de mundo. A ausência, ou a presença de determinados temas, o tom dado a alguns acontecimentos, nos revelam algumas intencionalidades dos sujeitos envolvidos e a ausência de imparcialidade.

É certo que o olhar desse trabalho é sobre o impresso, me limito a analisar o *Minas Geraes*, com isso, os fragmentos sobre o cotidiano da cidade de Belo Horizonte e do estado de Minas Gerais, são limitados. Mas ao mesmo tempo, observando esse impresso, é possível perceber várias imagens sobre a educação do corpo na escola, em suas diversas vocalidades.

Contudo, sabemos que toda fonte é lacunar, pois, sua forma e conteúdo são ao mesmo tempo, limite e possibilidade para a narrativa histórica. É uma possibilidade, pois, na análise do impresso como fonte em sua totalidade, os discursos, sua materialidade, eleição e rejeição de determinados temas nos periódicos percebe-se uma trajetória interessante para se construir uma narrativa histórica. É um limite por que todas as questões observadas anteriormente, de fato contribuem para a construção de uma trama, mas devem ser analisadas com cautela, pois a fonte “fala” de um determinado lugar social, os indivíduos que a produzem realizam escolhas conscientes ou inconscientes que precisam ser ponderadas pelo historiador.

Capítulo 2: Delineamentos teórico-metodológicos

Houve um aumento importante nos últimos anos das produções científicas que possuem como foco a Educação do Corpo e em específico as investigações Históricas das práticas corporais. Esse aumento pode ser percebido pela presença de trabalhos em periódicos, livros e eventos sobre essa área²⁸. O presente trabalho também busca contribuir para esses debates sobre a Educação do Corpo na perspectiva historiográfica. Tendo como objeto e fonte o jornal oficial do Estado e como foco a educação do corpo escolarizado, me inspiro na inteligibilidade da História Cultural para tornar possível a construção dessa narrativa.

Em diálogo com história a cultural, a História da Educação Física pode atentar-se melhor para essas práticas, na medida em que são percebidas como ações inscritas no plano da cultura. Victor Melo cita uma observação instigante de Peter Burke que aponta um sinal importante, sobre a possível contribuição da História Cultural para História da Educação Física:

²⁸ Podemos citar aqui diversos grupos de trabalho que vem se dedicando a pesquisar e divulgar essa temática: o Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e dos Esportes do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; o Simpósio Temático História do Esporte e das Práticas Corporais na ANPUH; os Centros de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer na UFRGS, na UFMG, na UFRJ, na UFPel, na UFPR, entre outras; além da presença de diversos pesquisadores nos Fóruns ligados à História da Educação.

“ ‘Práticas’ é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da lingüística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *International Journal of History of Sport*” (Melo *apud* Burke, 2005, p.78).

A proposta para a escrita histórica inspirada na história cultural é de, ao fazê-la ir além da narrativa das grandes realizações, dos grandes eventos, ou seja, atentar-se para as questões que estão muito além dos *fatos, datas e dados*²⁹, ou ainda longe de ser percebida em acontecimentos lineares em que as possíveis contradições e ambigüidades não são percebidas, ou ignoradas³⁰, mas preocupada com a investigação das práticas culturais e os sujeitos envolvidos nesse processo, sendo esses em muitas oportunidades negligenciados (para não dizer esquecidos) pela história tradicional³¹.

No fazer historiográfico deparei-me com os limites possibilidades de escrita dessa história. Percebo, ao analisar a educação do corpo e dos sentidos no espaço escolar, apresentada no jornal *Minas Geraes* da dificuldade em se apreender os usos que os indivíduos fizeram (ou não) das questões apresentadas. Centrei-me em apresentar e sobre refletir às “imagens” das práticas corporais apresentadas pelos indivíduos responsáveis pelas diversas temáticas apresentadas no interior desse periódico.

Necessário também se fez refletir sobre a noção “Educação do Corpo” no espaço escolar.

Na análise histórica das práticas educacionais do e sobre corpo é possível perceber múltiplas descobertas³² e possibilidades de cuidados do e com o corpo. Conforme lembra Denise Bernuzzi de Sant’Anna são bastante antigas as tentativas

²⁹ Taborda de Oliveira, Marcus Aurélio. 2007 p. 121

³⁰ Lopes e Galvão (2001)

³¹ Burke (1992)

³² SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. (2000.)

em se desvendar e educar o corpo³³, seja pelas práticas corporais, a culinária, a educação entre outras... A autora nos deixa uma interessante pista sobre a construção de uma narrativa histórica sobre a educação do corpo:

“[...] talvez seja mais instigante e viável realizar investigações sobre algumas das ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos. Pois cada vontade de manter o corpo sob controle, por exemplo, é constituída por fragilidades e potenciais, expressando especificidades e generalidades culturais. [...]” (p.04)

O corpo pode ser imaginado como um espaço de inscrição da cultura e também um lugar em que as diversas sociedades inscrevem e escrevem suas variadas práticas³⁴. Ao investigar as pedagogias para e sobre o corpo, é possível apreender suas complexidades, suas contradições. À luz desse debate, penso que é possível perceber as diversas formas de se educar e vislumbrar o corpo que foram legitimadas, praticadas e quais os diálogos construídos por um grupo de indivíduos, assim como perceber as possibilidades para tal empreendimento que não foram eleitas. Digo isso inspirado em Walter Benjamin (1996), que analisando a transmissão dos bens culturais percebe que a sua construção se deve:

“[...] não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.” (pg. 225)

Um exemplo disso são as formas como a saúde dos corpos são percebidas e explicadas. Os debates encontrados ao longo do tempo alteram-se sendo possível perceber em debates contemporâneos diferentes formas de se vislumbrar um corpo saudável e até mesmo possíveis rupturas e continuidades com debates anteriores.

³³ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia (org.). Corpo e história. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

³⁴ SOARES, Carmen Lúcia. (2001)

Nesse complexo diálogo não cabe ao historiador analisar somente aquilo que é aparentemente perceptível, mas também as diversas práticas que acabam por ser silenciadas nesse processo, pois, conforme nos lembra Carmen Lúcia Soares (2002), a educação do corpo:

“[...] percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas. Prescreve, dita, aplica fórmulas e formas de contenção tanto de necessidades fisiológicas, contrariando, assim, a ‘natureza’, quanto de velhos desejos. É onipresente e manifesta-se em tudo o que envolve indivíduos, grupos e classes. São distintos atos de conhecimento e não apenas a palavra o que constitui esta educação diuturna e intermitente.”

Concordo com Denize Bernuzzi (2000), para quem o conhecimento sobre o corpo “é por excelência histórico, relacionado aos receios e sonhos de cada época, cultura e grupo social.” Fica claro com isso, que perceber a historicidade dessas práticas é um convite para construção de uma narrativa em que se evite a análise de uma “evolução” linear, contínua, mas antes de tudo ter a sensibilidade em ler (e narrar) os diversos discursos e ações polifônicas que buscam sua legitimidade.

Levando em consideração essas dinâmicas, com seus limites e possibilidades, suas contradições, seus desencontros, o que se pode contar pensando no recorte do trabalho? Ou seja, pensando na fonte de minha pesquisa, um jornal mineiro, sediado em Belo Horizonte no início do século XX, que construções sociais e culturais presentes nesse contexto histórico emergem para que seja possível pensar em uma educação do e para o corpo no espaço escolar?

Pensando no tempo e no espaço em que se insere esse trabalho ele coincide com os primeiros anos da cidade de Belo Horizonte, palco de profundas transformações em seus espaços físicos, sociais e culturais. Nas palavras de Tarcísio Mauro Vago (2002):

“Seu projeto arquitetônico e sua planta impregnavam-se dos pressupostos que buscavam não somente a projeção do espaço físico, como também a projeção de seus habitantes para que fixassem material e culturalmente na nova cidade. Uma nova concepção do social e do cultural orientou esse empreendimento, que ao mesmo tempo enfatizava ‘importância da ciência e do progresso’ e

a confrontava com 'o que passa a ser considerado práticas retrogradadas e tradicionais de se pensar as relações dos indivíduos com a cidade. '” (p. 27)

Tendo o início de sua construção no ano 1894, a cidade de Belo Horizonte se tornaria símbolo da República no estado de Minas Gerais, precisando carregar novos significados como, a assepsia, a higiene, a racionalidade e a civilidade³⁵, valores esses que os novos habitantes deveriam “incorporar”. Com isso, buscava-se superar a relação com a antiga capital, Ouro Preto, que vivia sobre a égide de um estado agrário e escravista, um pensamento que deveria ser superado. Obviamente, a construção de uma nova capital não estava encerrada na possibilidade de se romper com valores provincianos citados, mas também pelo fato de sugerir novas possibilidades, pois os sujeitos que se envolveram com esse projeto acreditavam que colocavam ali as “idéias mais avançadas”³⁶.

Parece claro que: a nova capital é um espaço pensado e construído para que corpos “desejáveis” o ocupassem: a cidade deve ser ocupada por sujeitos que estejam em harmonia com os valores dos novos tempos. Conforme anuncia Tarcisio Mauro Vago (2002):

Italo Calvino alerta no entanto – “Jamais se deve confundir a cidade uma cidade com o discurso que a descreve.” É preciso considerar também os usos que os cidadãos e as cidadãs fizeram da cidade, ao transitarem em seus espaços previstos, ao ampliarem seus espaços para além das fronteiras inicialmente imaginadas. (p. 35)

A cidade não é somente os discursos que se proferem, ou as idéias que buscam construir sobre ela, afinal, esse mesmo espaço de sociabilidade é permeado por diferentes vozes, que em muitas oportunidades possuem ideais e desejos diversos.

A constituição de uma nova cultura urbana e requer a construção uma “nova” educação do corpo – novas sensibilidades, novos gestos, novas atitudes, novas

³⁵ RODRIGUES (2006)

³⁶ VEIGA (1994)

subjetividades, etc.³⁷ Nesse processo, novos espaços urbanos de sociabilidade se estabelecem e as instituições escolares surgem nessa perspectiva.

Pensando no corpo escolarizado e as práticas educacionais que o permeiam, percebo que a idéia de a idéia de “educação do corpo” não se restringe a uma determinada cadeira ou disciplina, mas como uma dimensão educativa que passa pela corporalidade³⁸, o corpo é educado em suas múltiplas experiências objetivas e materiais em suas várias linguagens: o canto, os trabalhos manuais, a gymnastica, as festividades etc. A gymnastica, por exemplo, que conforme Carmen Lúcia (1997) apresentava um caráter ordenativo, disciplinador e metódico além de:

“[...] regenerar a raça e promover a saúde [...], sem contudo alterar as condições de vida e de trabalho. Num outro plano as finalidades se complementavam pelo desejo de se desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver para servir à pátria nas guerras e na indústria. Mas a finalidade maior, foi, sobretudo, moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver.” (p. 10)

É importante lembrar que os trabalhos manuais e o canto são saberes que também tocam os corpos em suas múltiplas experiências sensoriais: ouvir, tocar, falar... O canto, por exemplo, revela o modo como a corporalidade é tocada, seja pela audição ou mesmo pela oralidade, esse ultimo é apresentado por Roseli Fontana (2001), que recorrendo aos dizeres de Meneses (1988) em toda sua complexidade:

“a voz emana de um corpo, é um sopro, pneuma, que atravessa os labirintos dos órgãos da fala carregando calor, a pulsação, o hálito desse corpo” (p. 49)

³⁷ MORENO *et al.* (2009)

³⁸ Aqui corporalidade é entendida conforme Taborda de Oliveira (2003) apresenta: “Ao conjunto de praticas do homem, sua expressão criativa, seu reconhecimento consciente e sua possibilidade de comunicação e interação na busca da humanização das relações dos homens entre si e com a natureza estamos chamando de corporalidade. A corporalidade se consubstancia na prática social a partir das relações de linguagem, poder e trabalho, estruturantes da sociedade.” (pg. 157)

Podemos pensar também a dimensão educativa através da estética, como algo que toca a corporalidade, conforme se pode perceber nas palavras de Veiga (2000):

“[...] uma educação estética que envolvesse habilidades manuais, educação das mulheres para o lar, o contato com a literatura brasileira, os cantos, a dança, presentes no cotidiano das salas de aula, nas festas escolares, nas festas da cidades, bem como no estilo neoclássico das grandes edificações, da escola e da cidade.” (pg. 407)

As festividades também são pensadas como mais uma dinâmica educativa que toca a corporalidade. Dialogando com Veiga (2000):

“[...] As festas escolares, cívicas ou não, foram pensadas dentro da relação cultura nacional e educação estética, como um momento de manifestação máxima de emoções. É a cidade comemorando com a escola a possibilidade da existência de uma identidade nacional única. [...]” (p. 414)

Com isso, todas as festas escolares (festividades, solenidades de formatura) se compõem como espaços de sociabilidade que devem contribuir para construção de uma sensibilidade, levando-se em consideração o sentimento de nacionalidade, da construção de uma cultura física e sensível etc. Outra contribuição importante está no fato de não somente o âmbito escolar estar envolvido com essa dimensão da educação do corpo, mas também a cidade buscando homogeneizar e modelar comportamentos próprios de uma outra cultura urbana.³⁹

A arquitetura escolar que se insere como uma possibilidade de uma educação estética é também pensada como mais um investimento em se educar o corpo. Zarankin (2000) denuncia que a cultura material busca inscrever nos corpos o modo como esse deve circular e se comportar.

Pensando no corpus documental e no modo como esse trabalho foi construído, não tenho como foco ao analisar a educação do corpo escolarizado perceber as reações dos atores envolvidos, entretanto, é sempre bom lembrar que

³⁹ Moreno *et al.* (2009)

os personagens presentes no cotidiano escolar constroem táticas⁴⁰ de resistências frente às estratégias⁴¹ pensadas para conformar os corpos⁴².

Relembrando todas essas questões que tangem a noção de “educação do corpo”, é interessante perceber que as diferentes práticas corporais apresentadas como possibilidades educativas, revelam múltiplos sentidos e significados. Essas demarcações, por ora apresentadas configuram formas de se pensar e educar o corpo, contudo, é certo que todas essas práticas não se isolam elas imbricam-se tornando mais complexas as formas de se perceber a educação do corpo no espaço escolar.

Mapeamento das fontes

Localizei no arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais e na biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais⁴³, todos os números

⁴⁰ Tática nesse momento entendido conforme lembra Certeau (1994): “[...] chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar uma estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e dela depende, sem base de estocar, benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. cria ali surpresas. Consegue onde ninguém espera. É astúcia.” (p. 100-101) (grifo do autor)

⁴¹ Ainda no dialogo com Michel de Certeau (1994) o autor entende por estratégia: “[...] o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exercito, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações como *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização ‘estratégica’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar.” (p. 99) (grifos do autor)

⁴² Exemplo disso é notado nos trabalhos de Diana Vidal (2008), Tarcísio Mauro Vago (2002).

⁴³ O estado de conservação do acervo desse jornal nos dois acervos é completamente diferente. Enquanto o acervo da imprensa oficial se encontra em um estado de conservação muito precário, na biblioteca da assembléia legislativa os funcionários possuem uma consciência ao manusear as fontes. Apesar de em nenhum dos dois arquivos possuírem uma política de acervo.

de jornal *Minas Geraes* entre os anos de 1906 e 1933. Nessa investigação concentramo-nos visibilidade a todas as notícias que dialogam com o tema selecionei textos sobre as festividades nas instituições escolares, os programas de ensino, regulamentos escolares, além de textos que tematizam os trabalhos manuais, o canto, o esporte, dentre outros, ou seja, temas que de algum modo dialogam com a noção apresentado anteriormente. Importa lembrar que a noção proposto para pensarmos a educação do corpo na escola, longe de ser imaginado como “chave que abre todas as portas”, é antes de qualquer coisa um ponto de partida, um meio pelo qual interrogamos as fontes. Entretanto, mesmo tendo clareza que esse conceito guiará a análise das fontes é possível que na análise do jornal *Minas Geraes*, novas possibilidades de se “educar o corpo” foram percebidas ampliando a noção anteriormente pensada.

Nessa movimentação foi possível identificar as representações para a educação do corpo e dos sentidos que tomavam forma no interior do jornal, a visibilidade dada a temas específicos como a criança e a mulher, quais os autores e a forma como suas idéias circulavam no Jornal *Minas Geraes*.

Ao recorrer às pesquisas aos arquivos encontramos naturalmente, questões “maiores” que nossos objetos de investigação cabendo alguns critérios para a escolha do conjunto documental (nesse caso um único jornal). Michel de Certeau (1982) indica um critério inicial importante para se pensar a escrita da história:

“Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e seu estatuto. Este gesto consiste em ‘isolar’, um corpo, como se faz em física, e em ‘desfigurar’ as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto *a priori*. [...]” (p. 81)

A desconstrução de um arranjo previamente concebido torna possível uma nova configuração dos documentos realizada a partir das perguntas no confronto

inicial com as fontes, dando a possibilidade ao historiador da construção de uma “nova” inteligibilidade documental.

Para que fosse possível a supracitada inteligibilidade ao *corpus* documental foi organizado um quadro no qual busco organizar todas as notas escolhidas tendo como orientação o conceito apresentado para educação do corpo escolarizado. Com isso, busquei perceber quais os assuntos se desdobravam nas notícias selecionadas, os autores de alguns desses textos e quais os temas recebiam maior atenção. Tornou-se possível (e necessário) a eleição de palavras chaves, pensadas a partir do conceito citado anteriormente, que contemplaram o tema abordado em de cada uma das notas do jornal.

Esse quadro contribui para a percepção dos temas abordados, autores de textos, a frequência com o qual determinado tema aparece, sugerindo a importância dada pelo jornal e seus autores, revelando os principais temas de notícias, artigos e outras informações que sugerem os possíveis caminhos na construção dessa trama.

Data	Sessão	Pg.	Autor	Título	Palavra-chave
18 de Julho de 1906	Não se encontra em uma sessão específica	03	Não há	Ensino Primário	
31 de Janeiro de 1907	Escola Normal da Capital	01/06	Não há	Programmas	Trabalho Manual, Hygiene,
18,19 de Fevereiro de 1907	Actos do Presidente – Decreto nº 1982	01/03	Não há	Approva o regimento interno da Escola Normal da Capital	Trabalho Manual, Hygiene
20 de Fevereiro de 1907	Escola Normal da Capital	01	Não há	Programmas	Trabalho Manual, Hygiene
19 de Junho de 1907	Não se encontra em uma sessão específica	05	Firmino Costa	Disciplina Escolar	Castigo corporal
07 de Julho de 1907	Não se encontra em uma sessão específica	04/ 05	Aurélio Pires	Missão do Professorado Primario no seio da sociedade	Castigo corporal
15 de Março de 1908	Escola Normal da Capital	01/05	Não há	Programas de ensino aprovados para o ano letivo de 1908	Trabalho Manual, Hygiene
21 de Maio de 1908	Não se encontra em uma sessão específica	05	Lind. Gomes	Trabalhos Manuaes II	Trabalho Manual, Educação intellectual e physica.
28 de Maio de 1908	Não se encontra em uma sessão específica	05	Lind. Gomes	Trabalhos Manuaes IV	Trabalho Manual,
14 de Julho de 1909	Secretaria do Interior	02/05	Não há	Escolas Normaes	

29/08/1909	Não se encontra em uma sessão específica	05	Dr. Octavio Machado	Hygiene Infantil	Saúde, hygiene
13,14 de Fevereiro de 1911	Não se encontra em uma sessão específica	03	Nelson Baptista	A educação physica – A Gymnastica	Educação Physica, Gymnastica
06, 07, 08 e 09 de Abril de 1912	Ensino secundário	Não há	Não há	Não há	Trabalhos manuais
13 de Outubro de 1912	Não se encontra em uma sessão específica	04	Dr. Octaviano Machado	Physiologia através das edades-sua definição	Saúde, Physiologia
13 e 14 de Dezembro 1912	Ensino Secundário	03	Não há	Escola Normal da Capital	Trabalhos manuais
Quarta – 10 de Dezembro de 1913	Não se encontra em uma sessão específica	07	Não há	A Educação Physica de outr'ora	Educação Physica
02 de Abril de 1914	Não se encontra em uma sessão específica	08/09	Não há	A renascença da esgrima	Sport, gymnastica
10 de Maio de 1914	Não se encontra em uma sessão específica	04/05	Raul Damázio	Educação Physica Sportiva	Sport, gymnastica, Educação physica, cultura physica
04 de Junho de 1914	Actos do Presidente	01/04	Não há	Não há	
09 de Julho de 1914	Não se encontra em uma sessão específica	04	Não há	A Cultura Physica da Mulher	Cultura Physica, Sport, gymnastica, hygiene
14 e 15 de Dezembro de 1914	Ensino Secundario	04	Não há	Escola Normal da Capital	Trabalho manual
31 de Janeiro de 1915	Não se encontra em uma sessão específica	12	Não há	Escola Normal	Festividade
29 de Julho de 1915	Ensino Secundário	06	Não há	Escola Normal da Capital	Festividade
16 e 17 de Agosto de 1915	Ensino Secundário	05	Não há	Escola Normal da Capital	Festividade, Gymnastica
25 de Dezembro de 1915	Não se encontra em uma sessão específica	21	Manoel Penna	Trabalho manual escolar – alinhavos	Trabalho manual, sentidos
02 03 e 04 de Janeiro de 1916	Ensino Secundário	03	Não há	Escola Normal da Capital	Trabalho manual
02 de Março de 1916	Não se encontra em uma sessão específica	N	Não há	Decreto do Estado – Decreto 4537	Trabalho manual, Canto, Gymnastica,
05 de Maio de 1916	Ensino Secundário	05	Não há	Escola Normal da Capital	Festividade
07 de Maio de 1916	Ensino Secundário	10	Não há	Escola Normal da Capital	Festividade
19 de Novembro de 1916	Ensino Secundário	12	Não há	Escola Normal da Capital	Sport, Gymnastica, Festividade
22 de Novembro de 1916	Ensino Secundário	12	Não há	Escola Normal da Capital	Sport, Gymnastica, Festividade
18 e 19 de Dezembro	Ensino Secundário	04/05	Não há	Escola Normal da Capital	Trabalho manual

de 1916					
17 de Março de 1917	Não se encontra em uma sessão específica	01/05	Não há	Regimento interno da Escola Normal Modelo	Trabalho manual, Canto, Gymnastica
25 de Março de 1917	Não se encontra em uma sessão específica	01/05	Não há	Programmas	
09 de Setembro de 1917	Não se encontra em uma sessão específica	11	Não há	Sete de Setembro	Gymnastica, Festividade
15 de Novembro de 1917	Ensino secundário	04	Não há	Escola Normal Modelo	Sport, Festividade
16 de Novembro de 1917	Ensino secundário	04	Não há	Escola Normal Modelo	Sport, Festividade
22 de Novembro de 1917	Ensino secundário	05	Não há	Escola Normal Modelo	Trabalho manual
20 de Março de 1918	Ensino Secundario	04	Não há	Escola Normal Modelo	Gymnastica, musica, trabalho manual
07 de Abril de 1918	Não se encontra em uma sessão específica	01/07	Não há	Programmas	Gymnastica, musica, trabalho manual
14 de Abril de 1918	Ensino Secundario	05	Não há	Escola Normal Modelo	Festividade
17 de Abril de 1918	Não se encontra em uma sessão específica	04/05	Não há	Escola Normal Modelo	Festividade
25 de Abril de 1919	Programmas de ensino para as escolas normaes modelo, regionaes e equiparadas do estado.	01/06	Não há	Programa de ensino do ano letivo de 1919 das escolas normais do estado de Minas Gerais.	
02 de Maio de 1919	Não se encontra em uma sessão específica	N	Não há	Horario para a Escola Normal Modelo para o anno lectivo 1919	Gymnastica
20 de Julho de 1919	Ensino Secundario	04	Não há	Escola Normal Modelo	Festividade
21 e 22 de Julho de 1919	Ensino Secundario	03	Não há	Escola Normal Modelo	Festividade
15 de Novembro de 1919	Ensino Secundario	05	Não há	Escola Normal Modelo	Hygiene
12 de Dezembro de 1919	Não se encontra em uma sessão específica	07	Não há	Exposição escolar	Trabalho manual
14 de Dezembro de 1919	Ensino Secundario	06	Não há	Escola Normal Modelo	Trabalho manual
18 de Dezembro de 1919	Ensino Secundario	13	Não há	Escola Normal Modelo	Trabalho manual
21 de Março de 1920	Não se encontra em uma sessão específica	15	Não há	Horário da Escola Normal Modelo para o anno lectivo de 1920	Gymnastica, Trabalho Manual
13 de Outubro de 1920	Não se encontra em uma sessão específica	05	Não há	Escola Normal Modelo	Sport
11 de	Noticiario	03	Não há	Exposição escolar	Trabalho manual

Dezembro de 1920					
12 de Dezembro de 1920	Não se encontra em uma sessão específica	03	Manoel Penna	Exposição escolar	Trabalho manual, sentidos e sensibilidades
23 de Dezembro de 1920	Não se encontra em uma sessão específica	04	Não há	Exposição escolar	Trabalho manual
18,19 de Abril de 1921	Não se encontra em uma sessão específica	04	Não há	Escola Normal Modelo	Festividade
14 de Janeiro de 1926	Secretaria de Estado – Interior	01	Não há	O ensino normal no Estado	Hygiene
19 de Fevereiro de 1926	Não se encontra em uma sessão específica	06	Não há	O ensino do canto em nossas escolas	Canto, Sentidos
07 de julho de 1926	Não se encontra em uma sessão específica	08/09	Branca de Carvalho Vasconcellos	O canto nas escolas – Lições para o professorado	Sentidos, sensibilidades, hygiene vocal, hygiene
20 de Agosto de 1926	Pelo Ensino	10	Não há	Escola Normal Modelo	Sport, Gymnastica
07 de Setembro de 1926	Suplemento ao Minas Geraes	17/32	Não há	dedicado ao município da capital	Sport, Gymnastica
27 de Março de 1927	Pelo ensino	N	Não há	Escola Normal Modelo	Festividade
09 de maio de 1927	Não se encontra em uma sessão específica	01/14	Não há	Primeiro congresso de Instrução Primária	Robustez physica, Cultura physica, hygiene.
15 de outubro de 1927	Não se encontra em uma sessão específica	01/02	Não há	O centenário da Escola Primária no Brasil	Jogo gymnastico
15 de Abril de 1928	Não se encontra em uma sessão específica	05	Oswaldo de Mello Campos	Conferências Pedagógicas	Saúde
18 de Julho de 1928	Mensagem apresentada pelo presidente do Estado de Minas Geraes ao Congresso Mineiro e lida na abertura da 2ª sessão ordinária da 10ª legislatura	01/22	Não há	Pg. 2: Ensino Primário	Educação Physica, Gymnastica
09 de Novembro de 1928	Segunda Conferência Nacional de Educação	04/05	Não há	A unificação do ensino normal	Hygiene, desporto, trabalho manual
10 de Novembro de 1928	Segunda Conferência Nacional de Educação	02	Não há	These sobre Educação Sanitaria	Hygiene
14 de Novembro de 1928	Segunda Conferência Nacional de Educação	01	Não há	Moções e resoluções da conferência	Educação Physica, Educação sanitária
14 de Novembro de 1928	Segunda Conferência Nacional de Educação	07	Frota Pessoa	A reforma do Ensino primario no Districto Federal Conferencia realizada na 2ª Conferencia Nacional de Educação	Degenerescencia physica, actividade physica, trabalho manual, hygiene
15 de	Segunda Conferência	17/18	Maria Antonieta	A Escola e a Educação	Hygiene

Novembro de 1928	Nacional de Educação		de Castro	Sanitaria	
21,22/01/1929	Não se encontra em uma sessão específica	05	Não há	A significação da cultura physica	cultura physica, Sport
25,26 de Fevereiro de 1929	Não se encontra em uma sessão específica	05/06	Manoel Pena	A escola activa e os trabalhos manuaes	Trabalho Manual
18,19 de Março de 1929	Ensino Normal	07	Não há	Programma de música e canto oral	Sentidos, sensibilidades
21 de Março de 1929	Programmas do ensino Normal		Não há	Educação Physica	Educação physica
22,23 de Abril de 1929	Ensino Primário	12/13	Não há	Educação Physica	Educação Physica, Gymnastica
29,30 de Abril 1929	Não se encontra em uma sessão específica	14	Não há	A obra educacional que realiza o governo	Arquitetura
10 de Maio de 1929	Mensagem apresentada ao Congresso Nacional na abertura da terceira sessão da décima legislatura pelo presidente da república dr. Washington Luis Pereira de Sousa.	02	Presidente da república dr. Washington Luis Pereira de Sousa	Educação Physyca	Educação Physyca
21 de Junho de 1929	Não se encontra em uma sessão específica	07	Prof. Anibal Mattos	O problema da educação physica	Educação Physyca, Cultura Physyca
19 de Julho de 1929	Não se encontra em uma sessão específica	07/08	J. Guimarães Menegale	Os preconceitos da cultura physica	Educação Physyca, Cultura Physyca, Gymnastica
04 de Agosto de 1929	Mensagem apresentada pelo presidente do Estado de Minas Geares ao Congresso mineiro e lida na abertura da 3ª sessão ordinaria da 1ª legislatura	03/09	Não há	Ensino primario e normal	Educação physica, hygiene
22,23 de Julho de 1929	Não se encontra em uma sessão específica	05	Dr. Calazans Luz	A evolução physica dos nossos filhos	
23 de Maio de 1930	Não se encontra em uma sessão específica	07	Não há	Curso de Educação Physica	Educação Physica
24 de Maio de 1930	Não se encontra em uma sessão específica	09	Não há	Curso de Educação Physica	Educação Physica
07 de Agosto de 1932	Não se encontra em uma sessão específica	11	G.G.M	Esporte – A origem das olimpíadas	Sport
07 de Março de 1933	Pelo Ensino	07	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização
08 de Março de 1933	Pelo Ensino	06	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização
09 de Março de 1933	Pelo Ensino	04	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização
11 de Março de 1933	Pelo Ensino	09	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização
12 de Março	Pelo Ensino	09	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização

de 1933					
12 de Março de 1933	Pelo Ensino	09	Levindo Murgel	O Recreio	
14 de Março de 1933	Pelo Ensino	10	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização
16 de Março de 1933	Pelo Ensino	10	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização
17 de Março de 1933	Pelo Ensino	10	Mario Casasanta	Nota pedagógica	Dramatização

Capítulo 3: narrativas para a educação do corpo na escola. Múltiplas possibilidades

Os eventos escolares - as festas, festivais e solenidades de formatura são retratadas com uma grande abrangência no jornal *Minas Geraes*. Esses eventos se destacam no periódico não somente por descrever esses acontecimentos, mas por buscar transparecer em suas páginas a sua importância como um grande evento social. Conforme já nos lembra Veiga (2000), esses eventos são marcados também pelo seu tom republicano. Pode-se perceber isso na nota sobre a festa do dia sete de setembro⁴⁴:

“A Escola Normal Modelo commemorou com uma esplendida festa civica a data gloriosa da independencia, commemoração em que tomaram parte todas as alumnas da escola, assim como os alumnos e alumnas do Grupo Anexo.

Realizou-se, ás 8 horas da manhã, a sessão civica em um dos salões principaes da Escola, o qual foi ornamentado para esse acto, destacando-se no fundo a bandeira nacional, entre palmas e festões de flores naturaes.[...]” (p. 11)

A narração construída pelo jornal sugere uma importante ilustração sobre essas festividades. Esses momentos podem ser pensados como mais um espaço educacional, no qual os sentimentos republicanos são educados. Contudo, não percebemos isso somente nas festividades cívicas, mas em outras festividades apresentadas no periódico. No festival realizado em comemoração ao fim do ano letivo do ano de 1917 na Escola Normal Modelo da Capital, primeiramente no programa do evento temos a primeira pista:

⁴⁴ Minas Gerais. Sete de Setembro. 09 de Setembro de 1917. p. 11

“Por motivo do encerramento do anno lectivo, realizam-se hoje naquelle estabelecimento de ensino as diversões constantes do programma que abaixo publicamos, devendo começar ás 3 horas da tarde:

Primeira parte:

- I. “hymno Nacional”, por todas as alumnas.
- II. “all up!”, jogo infantil, pelos alumnos do curso primário.
- III. “A’s armas!”, hymno pelas alumnas:
- IV. “Sticks and clubs”, drill, pelas alumnas do curso primário.
- V. “Se dependese de mim”, monologo, pela normalista Zoraida de Moura.
- VI. “basket ball”, torneio, por “teams” de alumnas do 1º e 2º annos.

Segunda parte:

- VII. “bandeira! Nós te adoramos!”, hymno, pelas alumnas.
- VIII. “basket ball”, torneio, por um team de alumnas do 3º anno, contra o vencedor da primeira partida.
- IX. “A’s armas!”, poesia pelo alumno primário Paulo Franco.
- X. “Fim do anno” hymno pelas alumnas.
- XI. “Volly ball”, torneio, por “teams” do 1º e 2º annos.
- XII. “Volly ball”, torneio, por um “team” do 3º anno, contra o vencedor da primeira partida.
- XIII. “Hocky”, por “teams” do 2º e 3º annos.

- O “America Foot Ball Club” oferece um bronze artístico alegórico, ao anno cujo team vencer o torneio.

- Durante as diversões, funcionará uma tombola para o sorteio dos cartões vendidos, sendo o producto em beneficio da caixa escolar.

- Tocarã no pateo a banda de musica do 1º batalhão da Força Publica.”⁴⁵

Ao descrever o desenvolvimento do festival na nota do dia seguinte⁴⁶, o jornal reafirma a condição cívica durante o evento, descrevendo alguns momentos como o canto do hino nacional, na declamação “poesia patriótica”, e também podemos dizer que nas práticas esportivas. Adiciona-se aqui outra impressão: o cunho cívico não

⁴⁵ Minas Geraes. Ensino secundario. Escola Normal Modelo. 15 de Novembro de 1917. p. 04

⁴⁶ Minas Geraes. Ensino secundario. Escola Normal Modelo. 16 de Novembro de 1917. p. 04

se faz presente somente nas datas comemorativas, outras festividades se mostraram um importante momento de reafirmação dos ideais republicanos, e também como um espaço para educar a sensibilidade para uma nova vida urbana⁴⁷ na qual não só os alunos são educados, mas todos os sujeitos envolvidos.

Outro aspecto importante sobre os eventos escolares está na educação estética salientada pelo periódico oficial do estado ao descrever as solenidades de formatura da Escola Normal⁴⁸, percebe-se em toda sua descrição, seja na divulgação da programação, ou no desenvolvimento da solenidade, um evento marcado pela sua distinção – ilustrado também no momento em que o periódico descreve os membros da sociedade mineira presente nos eventos. Compreendo que essa possibilidade já se apresenta na divulgação do programa do evento pelo jornal:

“Realiza-se hoje, ás 20 horas, no Edificio da Escola Normal, a entrega de diplomas ás alumnas do mesmo estabelecimento que concluíram o curso em 1918.

É o seguinte o programma da bella festa Escolar:

Musica – Ouverture – Le Chalet, de Rossini. Entrega de diplomas. Musica – “Aveu discret”, gavota, de C. Reber. Discurso da oradora da turma, senhorinha Zilda Rabello. Musica – “Designation”, de Fauconter. Discurso do paranymphe, professor Egydio Pereira Soares. Musica – “Regrets”, de Fauconter . – “Valse Du Rei Gambrinus” de Oliveer Metra. Discurso do homenageado dr. Alfredo Pimenta Bueno. Encerramento da sessão. Musica – Marcha Final. [...]”

“[...] Effectuar-se-á, após a cerimonia, um concerto musical em que tomarão parte a professora d. Branca de Carvalho Vasconcellos, srs. Professor Correia e Castro e Pedro de Castro. [...]”⁴⁹

A transcrição do discurso dos professores paraninfos nas solenidades de formatura da escola Normal foram comuns durante alguns anos de publicação do *Minas Geraes*. O teor dos discursos é bem aproximado, sempre buscavam deixar claro as questões relativas à função civilizadora da escola, mas contendo algumas singularidades. O discurso do professor Alvaro de Barros, por exemplo, demonstra a

⁴⁷ Veiga (1994) vislumbra a cidade como um sujeito-educador, arrisco em dizer que a escola para além da educação formalizada ao seu espaço também possui o mesmo papel.

⁴⁸ O jornal também escrevia questões sobre as formaturas de outras instituições educacionais, nenhuma com a riqueza de detalhes presentes na descrição da formatura das futuras normalistas.

⁴⁹ Minas Geraes. Ensino Secundario – Escola Normal Modelo. 20 de Julho de 1919. p. 04

sua preocupação com a continuidade desse espírito moderno vivido nesse momento:

“[...] tem-se por sem duvida, entre os observadores conscienciosos, que nosso paiz apresenta os symptomas alarmantes das nacionalidades em colliquação; que o futuro de nossa patria é sombrio, porque, infelizmente, é manifesta a degenerescencia do character nacional.

Mas se assim é, a que meios ou a que remedios deveremos recorrer para que se não realizem tão acabrunhodoros e funestos vacticinios?

Pois, eu creio na ação moralizadora e regeneradora da escola, e nella tão somente! Da solução deste problema – educar a mocidade estar pendente o nosso destino como povo.”⁵⁰

Somente na e pela escola, segundo Alvaro de Barros, é possível moralizar e regenerar, a população. Não há nenhum exagero em imaginar que essa regeneração também passa pela educação do corpo da “mocidade” brasileira.

Em outro discurso ainda em solenidades de entrega de diplomas na Escola Normal Modelo as noções referentes à educação são debatidas por Arthur Joviano, diretor da instituição. O autor se lembra de suas experiências como aluno, ilustrando como a sua materialidade escolar imprimiu marcas (também corporais) importantes:

“Não se apagará jámais da nossa memoria a lembrança daquella nobre casa de escola e do mestre regio, nos devem ter imprimido no character marcas indeleveis, reminiscencias impereciveis das praticas escolares.

Lembro-me de ambos, como si os tivesse agora deante dos olhos e sinto ainda a impressão daquelle ambiente tão desconfortável, contrastando tanto com as escolas onde fostes educadas e para onde, por sua vez voltaes agora como mestras de nossos filhos.

A sala de aula, escura e triste mal caiada, mãos de tinta impressas e cousas grotescas riscadas nas paredes nuas ao longo da quaes uma barra suja e oleosa assignala as cabeças dos alumnos estendidos pelos bancos toscos e desconformes.”⁵¹

Percebemos uma contraposição entre as imagens construídas por ele das escolas de sua época como aluno e a nova compreensão escolar que novas professoras estão inseridas. Nessa oportunidade, Arthur Joviano ainda relembando de suas experiências como aluno relata o modo como os castigos corporais o

⁵⁰ Minas Geraes. Escola Normal Modelo. 07 de Maio de 1916

⁵¹ Minas Geraes. Escola Normal. 31 de Janeiro de 1915. p. 12

marcaram, e apesar desses dispositivos serem banidos do novo modelo escolar, o autor a problematiza entendendo que essa ainda era realizada as nos grupos com as premiações:

“E presentemente o premio, que, na maioria dos casos, não é mais do que uma coerção moral, ainda faz as delicias dos preceptores que de todo não se emanciparam da velha escola. Confiam nesse recurso de premiar os bons, na presumpção de que os fracos, os tardos, os irriquietos e os impulsivos, reputados maus, se tornarão fortes, inteligentes, quietos e dóceis, se os privarmos bonbons, quadros de honra, fitões e distintivos – quando não fazemos mais que vexar e deprimir os vencidos, expondo-os ao menospreso dos vencedores, [...] Em regra geral, entretanto, os bons meninos premiados nas escolas pela sua mansidão, quietude e docilidade não são os que mais tem tido sucesso na vida, e os que se classificaram de maus pela sua audacia, independência, vontade, poder de execução e combatividade fizeram-se chefes e têm quase sempre conseguido, na maturidade, a realização de grandes ideaes.”⁵²

Segundo o discurso do professor, mesmo nesse novo modelo escolar alguns problemas são observados, as tais premiações (que também eram divulgadas no *Minas geraes*) utilizadas em alguns grupos escolares não possuíam uma recepção unívoca pelos professores, no entendimento de Arthur Joviano, a violência das algumas práticas disciplinares ainda permaneciam nessa nova “fase” educacional.

Outro evento escolar que recebeu divulgado nas páginas do *Minas Geraes* foram as exposições de trabalhos manuais, também na Escola Normal Modelo. No interior do jornal, esses eventos se notabilizaram também pelo teor seu distintivo, notada pela presença de figuras ligadas ao governo do estado⁵³.

Outra imagem percebida nessas notas é a importância dada pelos seus editores às cadeiras na formação das futuras professoras:

“[...] Na secção de trabalhos manuaes ha variadissimos artigos em papel, fibra, arame, cartão e argila, comprehendendo todo o programma da cadeira. Em argila principalmente, a exposição é riquíssima, não só pela variedade de modelagens, como pela perfeição em fructas, folhas, pequenos vasos, etc, sendo este anno a primeira vez que se executa esta importante parte do programma. Dos artigos de modelagens em argila destaca-se um quadro com as armas da republica, executado por quatro alumnas que revelaram muita intuição artística.

⁵² Minas Geraes. Escola Normal. 31 de Janeiro de 1915. p. 12

⁵³ Minas Geraes. Ensino Secundario. Escola Normal Modelo. 18 e 19 de Dezembro de 1916. p. 04-05

A secção de costuras é também muito apreciável pela direcção prática que a professora imprimiu ao programma de sua cadeira, fazendo executar somente peças úteis do uso domestico, como sejam vestidos, blusas, roupa branca para homens, vestuarios de creanças, gravatas, etc., pelo que se deduz a educação conveniente que as alumnas estão recebendo nessa parte de ensino manual. [...] ⁵⁴

Nas representações dos diversos eventos escolares podemos construir alguns fragmentos do cotidiano escolar, apreendendo seus sentidos a partir de um veiculo que buscava também promover essa nova organização do ensino no Estado. Já nesse momento conseguimos perceber as várias facetas desses eventos com objetivos que, ora se aproximavam, ora se distanciavam.

Além dos diálogos que diretamente se alinhavam com as questões escolares, encontramos vários textos que tinham por tema questões que de alguma forma dialogavam com a educação do corpo no espaço escolar.

Não há um sentido único nesses escritos, pelo fato do tema ser abordado de um modo bem ampliado pelos vários autores que se propõem a investigar essa temática.

No texto “educação Physica Sportiva⁵⁵”, Raul Damazio realiza algumas reflexões sobre a prática corporal e a oposição de corpo e mente:

“A opinião infantil, archetectada tal somente durante algum tempo por espiritos menos avisados, sobre o antagonismo existente entre os exercícios musculares e as nobilíssimas funcções do cerebro já não resiste á mais leve critica.

O tipo rediculamente classico daquelle estudante “forte em thema”, preso no circulo de ferro do seu exclusivismo intellectual e da sua tísica romantica e fatal, finou-se com o espirito pedagogico da velha universidade.

A theoria pueril e inconsequente do musculo atrophiando a intelligencia ou a sua inversa não encontra mais fieis entre os pensadores do velho mundo, que procura restaurar as suas energias abaladas sob os auspicios de uma educação mais viril e dinamica, forte de pensamento e de acção, que relega aos annaes dos factos anachronicos o obsoleto typo classico, cerebrino e sentimental.”

⁵⁴ Minas Geraes. Ensino Secundario. Escola Normal Modelo. 18 e 19 de Dezembro de 1916. p. 04-05

⁵⁵ Minas Geraes. Educação physica sportiva. 10 de Maio de 1914. p. 04-05

Continuando esse debate o autor defende os intelectuais como legítimos *sportsmen*, reforçando a percepção do autor sobre as práticas esportivas como algo distintivo e também a “união” do intelecto ao movimento:

“Platão foi um grande atleta. Napoleão um dos maiores gênios dos tempos modernos, executou a sua grande obra devido a sua excepcional resistencia physica. [...]

Tenhamos sempre em mente as palavras avisadas de Cicero: ‘Só o exercício physico entretem as faculdades e conserva o vigor intellectual.’⁵⁶

Existe por parte de Damazio uma grande preocupação com a “cultura physica” brasileira, segundo o autor as questões relativas à “Educação Physica”, não estão sendo tratadas com a mínima importância e anunciando o entendimento moderno do esporte ao se inspirar nos Estados Unidos:

“Esquadrinho agora os lares, as casernas, as fabricas a vasta burocracia, tão vasta como o oceano... a mesma desolação, a mesma pobreza physica, o mesmo criminoso descuido pela hygiene do corpo. [...]

Contrabalançando com esse mundo grotesco, que parece gosar as delicias morbidas de uma situação precaríssima de saúde physica, olhemos a nação norte-americana, onde um povo se prepara na selecção rigorosa de uma athletica condição physica. A desolação de um perigoso e vasio ‘messianismo demagogico’, o educador americano planta no espirito da mocidade toda a concepção nova da vida baseada na saude, na força, na alegria, no triumpho [...].⁵⁷

Percebe-se nesse texto a defesa da Educação physica da população, como já anuncia Vago (2004) parte integrante da tríade Spenceriana e defendida para construção de uma nação e um estado prospero.

Ainda no dialogo sobre a cultura Physica, em outra produção publicada no *Minas Geraes* realizou um percurso semelhante ao do autor acima, mas focalizando a corporalidade da mulher. Nessa movimentação o texto elenca uma série de

⁵⁶ Minas Geraes. Educação physica sportiva. 10 de Maio de 1914. p. 04-05

⁵⁷ Minas Geraes. Educação physica sportiva. 10 de Maio de 1914. p. 04-05

práticas corporais para as mulheres indicando qual adequada para elas levando em consideração a sua constituição biológica:

“A mulher está mal constituída para os esforços intensos ou supportados durante muito tempo. Isso é devido a construcção anatomica. Como a propria base do esforço seja o perineo, não se discute a má resistência relativa desse suporte muscular no sexo feminino. Tambem é inteiramente inútil explicar como a disposição dos órgãos pelvianos e seu papel physiologico se casam mal com determinados exercícios violentos. Mas entre o principio que tivesse por fim reduzir a cultura physica das moças, em relação aos movimentos respiratórios, á elevação dos braços, á flexão e extensão alternadas dos membros, ás inclinações, ás torções variadas da cabeça e do tronco e á interdicção dos exercícios violentos, há um meio termo precioso – o “sport”. E’ isso que precisamente se deve encarar, explicando sufficientemente as preferencias [...] que a hygiene lhe forma a base essencial hygiene, que ao mesmo tempo é psychica e physica.”⁵⁸

Para o autor a “cultura physica” na mulher em diferentes carrega certas particularidades que agregam determinadas práticas e refutando outras:

“A menina nem siquer conhece outros exercícios physicos, além da marcha dos passeios, dos brinquedos próprios de sua idade. E’ necessário [...] a applicação graduada da corrida e do salto.

A estructura da bacia da menina a insignificancia dos órgãos especiaes a seu sexo, affastam qualquer perigo na primeira idade, senão, [...] o período por excellencia cultura physica e do desenvolvimento muscular, em geral, no deccorer do qual não se torna absolutamente necessário estabelecer uma distincção entre os jogos e os “sports” dos dois sexos.

Na puberdade estas condições mudam, mas é preciso accrescentar que os exercícios deste genero se tornam menos perigosos para a creança que se faz moça, quanto mais depressa ella for preparada para isso. A própria mulher nada terá a temer do uso dos ‘sports’, que reclamam um esforço violento ou demorado, si seu systema muscular geral para isso for aparelhado durante muito tempo: a esgrima e, sobretudo, a equitação, podem produzir accidentes sérios no caso de uma debilidade dos musculos ou de um preparo precoce ou insufficiente, ao passo que não constituem perigo algum nas moças e nas mulheres, cujo systema muscular já tiver sido regularmente desenvolvido pela cultura physica habitual.”⁵⁹

⁵⁸ Minas Geraes. A Cultura Physica da Mulher. 09 de Julho de 1914. p. 04

⁵⁹ Minas Geraes. A Cultura Physica da Mulher. 09 de Julho de 1914. p. 04

Nestas passagens, mais do que saberes prescritivos, percebemos um retrato feito pelo jornal sobre “ser mulher”. A gestualidade não pode desconsiderar sua “estética” corporal. A mulher não deve deixar de levar em consideração a sua corporalidade e o seu papel social e moral distintos ao do homem.

Os debates referentes aos diversos saberes escolares sobre o corpo estão presentes no periódico. Essas publicações se aproximam muito daquelas apresentadas no tópico anterior por tratarem-se, em sua maioria, de um conjunto de textos alterando o seu foco.

O ensino dos trabalhos manuais tornou-se foco nas páginas do jornal *Minas Geraes* percebe-se nos textos o tom prescritivo para essa prática. Durante o mês de maio de 1908⁶⁰ o jornal publicou quatro textos sobre o ensino dos trabalhos manuais nas escolas. Lind. Gomes inicia, a sua reflexão lembrando a importância dos trabalhos manuais principalmente para os filhos de famílias pobres:

“A Escola publica primaria não se destina unicamente a prodigalizar aos alumnos a cultura scientifica. Isto se daria caso tal instituto de ensino popular visasse, tão sómente, a educação dos filhos dos abastados. Mas aos que descendem de famílias pobres seria um crime habitual-os a uma educação puramente literária, deixando-os olhar com desprezo o trabalho corporal, como que distanciados dos habitos dos Paes, cujos labores de profissão viessem a infundir-lhes sentimentos de escarneo antes que de imitativo estímulo.

A escola, sem o trabalho manual, pode ser fonte nociva da vaidade e do orgulho para o filho do operario, desacostumal-o do trabalho e obrigar-o a applicar-se a modos de vidas prejudiciaes a elle mesmo ou á sociedade, quando, ao deixar o estabelecimento de ensino, se vir na contingencia de abandonar os estudos, por falta de recursos para frequentar os institutos de instrucção superior.”⁶¹

Nota-se duas importâncias apresentadas pelo autor, a relação do trabalho intelectual ser algo restrito às classes “abastadas”. Outra questão é sobre a moral do trabalho pensada como algo que o operário deveria ter. o autor progride nessa questão da civilidade, ligada a moral do trabalho:

“O trabalho é uma lei da vida. É um alicerce da alegria, do bem-estar e da saude. Ensinar a creança a ser agente do trabalho fortalecer-lhe o corpo, adextrar-lhe as mãos desenvolver-lhe o espirito, cultivar-lhe a

⁶⁰ Esses textos foram publicados entre os dias 18 e 19 de maio de 1908 à 28 de maio de 1908.

⁶¹ Minas Geraes. Trabalho Manues I. 18 e 19 de Maio de 1908. p. 03-04

paciência, é dever iniludível do educador hodierno e a sua mais afanosa preocupação do momento.”⁶²

“[...] os trabalhos manuaes são um meio salutar de educação intellectual e physica.

Com o seu exercício despertam-se o gosto e o amor costumes de honestidade, de character, de diversão; desenvolvem-se a atenção a percepção, intelligencia, a perseverancia e o culto ao bello.”⁶³

A educação do corpo e dos sentidos também é foco no ensino dos trabalhos manuais no espaço escolar, no texto de Manoel Penna intitulado “trabalho manual-alinhavos”, datado do dia 25 de Dezembro de 1916 destaca que além das questões apresentadas, podem ser ricas para educar os sentidos dos alunos:

“Assim, para se despertar o gosto e o interesse em uma classe de alumnos é necessário que ella se occupe em um trabalho agradável, de tal maneira que ponha em franca actividade a maior somma de sentidos e prenda a atenção da creança despertando-lhes ao mesmo tempo e inolvidavel prazer.[...]

Assim, pois, os cartões de alinhavos escolares constituem um excellent auxiliar do ensino, contribuindo para o desenvolvimento da vista, do tacto e das facultades intellectuaes, sendo usados por uma classe regida por professor intelligente e dedicado.”⁶⁴

Em todos esses fragmentos é possível perceber a importância dada pelo periódico oficial do estado e por seus atores para a continuidade do projeto republicano, assim como a visibilidade dada as questões relativas à “educação do corpo” no espaço escolar, vistas em alguns fragmentos como as festividades e os eventos escolares.

⁶² Minas Geraes. Trabalho Manues I. 18 e 19 de Maio de 1908. p. 03-04

⁶³ Minas Geraes. Trabalho Manues II. 21 de Maio de 1908. p. 05

⁶⁴ Minas Geraes. Trabalho Manual – Alinhavo. 25 de Dezembro de 1915. p. 21

Conclusão

Ao recorrer ao Jornal *Minas Geraes* foi possível perceber algumas representações para a “educação do corpo” no espaço escolar. Percebe-se a riqueza de “imagens” presentes nesse periódico que tem uma considerável circulação no Estado de Minas Gerais: os trabalhos manuais, a gymnastica, os eventos escolares, as práticas esportivas entre outros temas. É possível perceber essas “imagens” na publicação de programas de ensino e regimentos internos escolares, além nas “notas” sobre os principais estabelecimentos de ensino do estado. Além disso, os debates presentes no interior desse periódico contribuem para a percepção dos fragmentos das ações racionalizadoras dos espaços de sociabilidade para se construir os corpos “desejáveis” consonantes com ideais republicanos.

O periódico ainda nos dá a possibilidade em atentar-se sobre outras representações sobre a “educação do corpo”, pois suas notícias não se restringem a essa noção pensada para o espaço escolar.

Na análise do dessas representações foi possível perceber a riqueza de contribuições para outros questionamentos sobre a educação do corpo na cidade de Belo Horizonte e no Estado e também para a história do ensino da Educação Física, pois, existe a possibilidade da problematização da “educação do corpo” combinando esse tipo documental com os relatórios, diários de professores, legislações etc. Tornar-se possível responder outras questões: quais as apropriações desse periódico foram feitas pelos atores sociais naquele momento? Qual foi a visibilidade desse jornal em algumas instituições de ensino?

Possuímos na análise do *Minas Geraes* algumas pistas que buscam contribuir para a continuidade das reflexões sobre a educação do corpo nos espaços de sociabilidade do Estado.

Referencias Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano — Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, GERALDA NELMA. **Imprensa italiana em terra estrangeira: Vozes sociais em ação (Belo Horizonte 1900-1920).** Belo Horizonte: UFMG, 2005 (Dissertação em Mestrado em Comunicação Social)

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Difusão Editorial, LTDA. Lisboa, 1988.

ESCOLANO, Augustín. **Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo.** In: ESCOLANO, Augustín & VINÃO FRAGO, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Trad. Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FARIA FILHO, L. M. de. **Fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução.** (s/d) Acessado do site, <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/faria.html> às 21:55 do dia 17/05/2010.

FONTANA, Roseli A. **Cação. O Corpo Aprendiz.** In: CARVALHO, Y.M. e RUBIO, K. (orgs). **Educação Física e Ciências Humanas.** São Paulo: Hucitec, 2001, p. 41 a 52.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina – imagens da mulher na Revista Educação Physica.** (tese de doutorado) Unicamp, 1999.

GUIMARÃES, Valéria. **Paixão que mata – leitura popular no início do século XX em São Paulo, comunicação publicada nos Anais do I Simpósio Nacional de História Cultural, RS, 2002, GT- História Cultural – ANPUH-RS, CD-ROM, Ventura Livros/Livraria Terceiro Mundo**

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento.** In: **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, 1984.

LOPES, Eliane M. T. & GALVÃO, Ana Maria de O. **História da educação (o que você precisa saber sobre...).** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCA, T. R. de. **História dos, nos e por meio dos periódicos, p.111-143 in Fontes Históricas, 2 ed.** São Paulo; Contexto, 2006

MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. História [online]. 2007, vol.26, n.2, pp. 61-91. ISSN 0101-9074. doi: 10.1590/S0101-90742007000200005.

MELO, Victor Andrade de. Por que uma revista brasileira de história do Esporte? Breves palavras sobre este periódico. In: **Recorde: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro. Vol. 1, num. 1, 2008.

MOREL, Marco. ; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORENO *et al.* Fortalecer os pulmões e inspirar amor ao bello: da educação do corpo na Escola Normal Modelo da Capital (BELO HORIZONTE 1906-1930). **Anais do XVI do Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte**. Salvador: 2009

MORENO, Andrea e SEGANTINI, Verona Campos. A educação do corpo na cidade: a legislação como fonte (belo horizonte 1897-1905). In: **Anais do IV Congresso Mineiro de História da Educação**. Juiz De Fora: 2007

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Práticas pedagógicas da educação física nos tempos e espaços escolares: a corporalidade como termo ausente?** In: BRACHT, Valter; CRISORIO, Ricardo (Coords.). A educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003. p. 155 -188.

PESAVENTO. Sandra J. **História e História Cultural**. 2. ed. Ed. Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Dissertação em História Social da Cultura).

_____. Esporte e imprensa em Belo Horizonte: primeiros anos do futebol na capital mineira (1904-1921). **Anais do V Seminário do CEMEF/ II Encontro do GTT Memórias do CBCE**. Belo Horizonte, setembro de 2008.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade** – uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Belo Horizonte: UFMG, 2006. (Tese, Doutorado em História Social da Cultura).

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. As infinitas descobertas do corpo. Caderno **Pagu**. Campinas, SP, n. 14, p. 235- 249, 2000.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia (org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (org.). **História da vida privada no Brasil** - 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, C. L. Imagens da retidão: A Ginástica e a educação do corpo In: CARVALHO, Y.M. e RUBIO, K. (orgs). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 53-74

_____. A Educação do corpo e a Educação Física escolar. **I Reunião anual do PROEFE: “por que educação física”**. Belo Horizonte, UFMG. 2002

VAGO, T. M. . Estratégias de formação de professores de Gymnastica em Minas Gerais na década de 1920: produzindo o especialista. In: Amarílio Ferreira Neto. (Org.). **Pesquisa Histórica em Educação Física**. 1ª ed. Aracruz, ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz e CEFD/UFES, 1999, v. 4, p. 51-78.

VAGO, Tarcísio Mauro. A escolarização da *gymnastica* nas escolas normais de Minas Gerais - 1883/1918. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**, n. 2, 1997.

VAGO, T. M. **Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP, 1994. (Tese Doutorado em História).

_____. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes; FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp 397-422.

VIDAL, Diana Gonçalves . Lá vem o bonde das normalistas. . . uma incursão pelo cotidiano escolar no Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: José Carlos Souza Araujo; Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas; Antônio de Pádua Carvalho Lopes. (Org.). **As escolas normais no Brasil. Do Império À República**. . 01 ed. Campinas SP: Editora Alínea, 2008, v. 01, p. 233-244.

ZARANKIN, Andres. **Paredes que domesticam. Arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires**. Campinas: Unicamp/ Centro de Historia da Arte e Arqueologia, 2002.